

4º Ciclo Temático de Formação em Alcoologia da Unidade de Alcoologia de Coimbra:

Tabagismo em dependentes de álcool e outras drogas, por João Maurício Castaldelli-Maia

No ano de 2019, a UAC mantém o propósito de propor para cada ação um tema de reconhecido interesse, um palestrante de sólida qualidade científica, seguindo-se debate com o mesmo, que permite colocar dúvidas, esclarecer conceitos e discutir aspetos práticos. Os vários profissionais, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos e outros, podem também colocar à discussão com a equipa da UAC casos clínicos, aspetos práticos relativos à orientação de utentes dos seus ficheiros, formas de fazer em que visam trocar experiência e conhecimento e, efetivamente, praticar uma verdadeira e eficaz articulação, uma forma enriquecedora de aumentar a qualidade das várias intervenções, de otimizar resultados e conjugar esforços, potenciando o papel das redes de articulação no funcionamento quotidiano, no conhecimento próximo dos profissionais sobre o funcionamento dos outros serviços e na comunicação eficaz.

No passado dia 19 de fevereiro o tema foi “Tabagismo em dependentes de álcool e outras drogas”. O preletor convidado pela UAC foi João Maurício Castaldelli-Maia, médico psiquiatra, especialista no tratamento do tabagismo que, desde 2013, tem ministrado diversos workshops sobre o tratamento do tabagismo em indivíduos com transtornos mentais e outras dependências no Brasil, Portugal, Uruguai, Paraguai, França e Espanha. O tabagismo é uma dependência muito prevalente e cuja associação com a dependência de álcool, bem como de muitas drogas ilegais, é extremamente grande. Falou-se sobre a importância de motivar as pessoas para cessarem o consumo de tabaco, da importância de sensibilizar os profissionais de saúde que intervêm em CAD para perspectivarem este comportamento como mais uma dependência em vez de uma recompensa que promova a adesão... as repercussões económicas e na saúde, as ocasiões mais favoráveis para a cessação, os contextos terapêuticos em que poderá ser feita e o papel positivo que os vários técnicos, nos vários níveis de intervenção, poderão ter junto dos doentes.

Dependências entrevistou João Maurício Castaldelli-Maia e ficámos com a ideia que ainda impera uma certa miopia numa abordagem que se pretende integrada... Afinal, o que mata mais: o tabaco ou as restantes drogas?

O que nos traz a esta conferência?

A vontade de gerar uma mudança relativamente aos hábitos dos profissionais de saúde das toxicodependências da região, para que os mesmos se sensibilizem para o tratamento do tabagismo, tal como estão para as outras dependências.

Por que oferecerão algumas instituições da área do tratamento tabaco aos seus utentes, como as comunidades terapêuticas, acto que é até por vezes encarado como terapêutico?

Talvez o usem como uma espécie de recompensa para que o paciente permaneça internado mas isso não é indicado. O indicado é que se aborde também o tabagismo durante o internamento, tal como se faz com as outras dependências. Essa questão de usar o tabaco como uma moeda para reforçar a permanência não é uma ideia moderna e acho que temos que evoluir nesse aspeto.

Mas também é verdade que, nos hospitais psiquiátricos, encontramos muitos doentes internados a fumar nos espaços externos...



Exatamente. Por isso, no Brasil, fazemos esse trabalho em simultâneo com as unidades de saúde mental e com as relacionadas com o tratamento das toxicodependências... Aqui, em Portugal, isso ainda não acontece. Não existe ainda uma abordagem integrada. É como se se tratasse de um problema à parte e o consumo de tabaco até aumenta, em vez de diminuir, quando o mesmo entra num programa de tratamento seja no âmbito da saúde mental ou das toxicodependências. Estamos a tratar as outras coisas mas estamos a esquecer e até a reforçar, não de uma forma consciente como é óbvio, mas secundária, o tabagismo.

Haverá alguma abordagem ao nível da redução de danos para quem fuma?

Até ao momento, ainda não encontramos... A questão do cigarro electrónico é ainda muito controversa. Existem investigadores que o classificam como uma ferramenta de redução de danos, ao passo que outros o contrariam... Depende do grupo que abordamos: se forem já fumadores, a opção pelo cigarro electrónico talvez represente redução de danos mas isso é algo que precisa de ser avaliado de uma forma mais longa. Mas o maior receio reside naqueles que não fumam... Este é um produto muito atrativo, que seduz muito...

Sendo este um claro problema de saúde pública e dos maiores causadores de mortes, o que motivará a ausência de medidas mais eficazes por parte dos governos e da própria sociedade?

Creio que a implementação de políticas públicas tem sido muito efetiva em todos os países que elegeram essa abordagem. Nalguns países europeus permanece alguma permissividade face ao acto de fumar. O facto de o utente internado fumar nessas unidades de que falámos é apenas mais um reflexo disso. Apesar de os países europeus serem extremamente avançados e desenvolvidos em vários aspetos, neste ainda falta força para lutar pela implementação das políticas que a OMS preconiza. Portugal, Espanha, França, Itália, entre outros, são países que ainda carecem de uma implementação mais firme do que a OMS preconiza.

Quer dizer que o lobby da indústria do tabaco consegue sobrepor-se à defesa da saúde?

Já estivemos em momentos piores... É bom frisar que estamos a evoluir... Mas sim, durante muito tempo, essa foi a causa do atraso do reconhecimento da dependência do tabaco. Mas a luta é brava e dura!